

PESQUISAS COM CRIANÇAS: UMA ANÁLISE CIENTÍFICA DOS TRABALHOS DO GT 07 DA ANPEd DOS ÚLTIMOS 10 ANOS (2015-2024)

RESEARCH WITH CHILDREN: A SCIENTIFIC ANALYSIS OF THE WORK OF ANPEd GT 07 IN THE LAST 10 YEARS (2015-2024)

Célio Roberto da Silva

Especialista em Alfabetização e Letramento, pela Faculdade São Luiz; Pedagogo (FAEL)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8719414722553046>

E-mail: celio.beto1@gmail.com

Eliane Brusco das Chagas

Mestranda em educação (UDESC)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7303763248321193>

E-mail: eli.brusco13@gmail.com

Vanessa Néllyn Natividade

Mestranda em Educação (UDESC)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0942027104678819>

E-mail: vanessanatividade@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa pesquisas com crianças desenvolvidas entre 2015 e 2024, a partir dos trabalhos apresentados no GT 07 da ANPEd. Por meio de um estudo de Estado do Conhecimento, foram selecionados 22 trabalhos que abordam a infância na Educação Infantil, com foco em escutar e reconhecer as crianças como sujeitos ativos. A investigação buscou identificar as principais temáticas, metodologias e concepções de infância e criança presentes nas pesquisas, revelando avanços na valorização da participação infantil, especialmente em temas como identidade, pertencimento e protagonismo. No entanto, também foram encontrados desafios, como a persistência de práticas adultocêntricas e a dificuldade de garantir espaços reais de escuta. Dialogando com a Sociologia da Infância e a Pedagogia da Infância, o estudo reafirma a importância de pesquisas éticas e sensíveis, que considerem as crianças em suas múltiplas formas de expressão, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitosas.

Palavras-chave: Pesquisas com Crianças. Criança. Infância. Sociologia da Infância. Pedagogia da Infância.

Abstract: This article analyzes research involving children developed in Brazil between 2015 and 2024, based on studies presented at GT 07 of ANPEd. Through a State of Knowledge approach, 22 academic works were selected that focus on early childhood education and on listening to and recognizing children as active subjects. The study aimed to identify the main themes, methodologies, and conceptions of childhood present in these investigations, highlighting advances in the recognition of children's participation, particularly regarding issues of identity, belonging, and agency. Nevertheless, challenges remain, such as the persistence of adult-centered perspectives and the difficulty of creating genuine spaces for children's voices. Drawing on Sociology and Pedagogy of Childhood, this research emphasizes the need for ethical and sensitive approaches that consider children in their multiple forms of expression, contributing to more inclusive and respectful pedagogical practices.

Keywords: Research with Children. Child. Childhood. Sociology of Childhood. Pedagogy of Childhood.

Introdução

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparações. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.
(Manoel de Barros)

A sociedade e a educação são campos em constante movimento, sujeitos às transformações que atravessam o tempo, a história, a cultura e as relações humanas, como nos lembra Freire (2014). Nesse fluxo contínuo, as pesquisas assumem um papel essencial, que é o de acompanhar, interpretar e refletir sobre as mudanças que moldam o viver dos sujeitos, especialmente das crianças, cujas experiências têm sido historicamente silenciadas em muitos espaços sociais e institucionais.

Foi a partir do final dos anos 1980 que uma importante virada nos estudos sobre a infância começou a ganhar força no Brasil. Emergiram, nesse período, novas abordagens teóricas e metodológicas, críticas às concepções funcionalistas das ciências sociais e humanas, abrindo caminho para olhares mais atentos à complexidade da vida na categoria geracional infância (Martins Filho, 2011). Desde então, perspectivas interacionistas, interpretativas e etnometodológicas passaram a enriquecer o campo de estudo, oferecendo lentes mais sensíveis para compreender a infância, não mais como uma etapa passiva da vida, mas como um território vivo de criação, cultura e participação (Montandon, 2001; Sirota, 2001; Marchi, 2009).

Essa mudança de paradigma mudou profundamente o modo como vemos e nos relacionamos com as crianças. Elas deixaram de ser percebidas apenas como aprendizes do mundo adulto, para serem reconhecidas como sujeitos ativos e com agência, capazes de construir cultura, interpretar o mundo e ressignificá-lo a partir de suas próprias vivências (Corsaro, 2011; Martins Filho, 2011). Tal reconhecimento ampliou não apenas o horizonte das pesquisas, mas, também, provocou mudanças significativas nas práticas pedagógicas e nas políticas públicas, abrindo espaço para ouvir as vozes da infância — vozes que, por muito tempo, foram silenciadas sob a lógica adultocêntrica.

Ao romper com uma visão biológica ou psicologizante, essas novas abordagens passaram a iluminar a infância em seus múltiplos contextos sociais, culturais e históricos. Assim, a criança passou a ser compreendida como criadora de sentidos e participante das relações sociais, e a própria noção de “infância” ganhou status como uma categoria de análise (Sarmiento, 2005; Corsaro, 2011). Nesse cenário, a etnografia se consolida como um método privilegiado para acessar o universo infantil com profundidade e escuta genuína (James; Jenks; Prout, 1998; Sarmiento, 2009), permitindo que as experiências, linguagens e culturas infantis fossem incluídas a partir do olhar das próprias crianças (Martins Filho, 2011).

Como enfatiza Fernandes (2009), é urgente adotar um olhar que acolha o modo como as crianças percebem e vivenciam o mundo, seus desafios e dilemas. Tal perspectiva rompe com o hábito de falar sobre elas, propondo finalmente falar com elas. A escuta atenta das experiências infantis permite não apenas considerar suas demandas e formas de existência, mas também compensar as próprias estruturas sociais e institucionais que muitas vezes marginalizam e invisibilizam suas vozes.

Um marco fundamental nesse processo foi a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), que garante, especialmente nos artigos 12, 13 e 14, o direito de as crianças expressarem suas opiniões sobre todas as questões que lhes dizem respeito. Entretanto, frente a esse direito garantido socialmente, surgem questões cruciais: As escolas estão, de fato, qualificadas para ouvir as crianças? Elas encontraram espaços reais de participação e diálogo? Suas vozes têm peso nas decisões que impactam suas vidas?

Partindo dessas inquietações, este estudo propõe refletir sobre como as crianças podem ser reconhecidas como protagonistas de suas próprias histórias, trajetórias e saberes. Para isso, analisamos pesquisas que exploram as dimensões culturais, sociais e históricas da infância, observando de que maneira essas investigações envolvem as crianças como informantes, participantes e fontes essenciais de comunicação.

Martins Filho (2011), ao analisar uma década de estudos e pesquisas com crianças apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação/ANPEd, destaca o esforço

dos pesquisadores em compreender a infância a partir dos próprios modos de ser criança. Segundo o autor, ainda é relativamente recente, no Brasil, a preocupação em desenvolver metodologias que garantam a escuta ativa das crianças, registrando-as como interlocutores competentes e protagonistas de suas experiências. Ao adotar o olhar da Sociologia da Infância, Martins Filho (2011) sinaliza a importância que rompermos com a visão tradicional da Psicologia do Desenvolvimento, propondo enxergar a infância como uma categoria social e histórica, marcada por pluralidade e variações conforme o contexto cultural, de classe, gênero e etnia. Nesse sentido, as crianças são reconhecidas como sujeitos capazes de produzir cultura, e não apenas como “futuros adultos” em formação e produtores de culturas.

Outro ponto relevante é o destaque às contribuições da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância para o campo da Educação Infantil, ao propor práticas pedagógicas que reconheçam as crianças como protagonistas de seus processos de aprendizagem. Isso significa romper com o adultocentrismo e construir relações mais dialógicas e respeitadas, nas quais a criança não é apenas um objeto da educação, mas sim um sujeito ativo, capaz de interagir, questionar e produzir sentidos no espaço educativo (Barbosa, 2001; Rocha, 1999; Martins Filho, 2020).

Com base nesses pressupostos, este estudo se orienta pela seguinte questão central: Qual lugar que as vozes, jeitos e gestos das crianças ocupam nas pesquisas com crianças, do Grupo de Trabalho 07 (GT 07) da Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPEd) e Pesquisa em Educação? Dessa questão central, desdobra-se o objetivo geral, que é analisar o que pesquisas com crianças do GT 07 da ANPEd, dos últimos dez anos, nos revelam sobre as categorias criança e infância, no âmbito da Educação Infantil; e os objetivos específicos são: identificar os principais temas, metodologias e instrumentos usados nessas pesquisas; compreender como essas pesquisas concebem os conceitos de infância e criança; agrupar as pesquisas em blocos temáticos, para análise e refletir sobre as contribuições dessas pesquisas para as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Nosso diálogo com autores como Sarmento (1997; 2005), Rocha (1999), Barbosa (2001) e Martins Filho (2011; 2020) revela um compromisso com a visão da criança como sujeito social, histórico e cultural, cujas formas de viver e agir no mundo precisam ser respeitadas e valorizadas. Essa perspectiva desafia modelos conservadores que, ainda, insistem em colocar o adulto como centro e medida de todos os processos educativos.

Assim, buscamos, com este estudo, ampliar o debate sobre como as pesquisas com crianças podem inspirar práticas pedagógicas que respeitem os interesses das crianças e seus direitos e modos de existir (Martins Filho, 2010, p. 10).

Defendemos uma infância vivida com dignidade, potência e respeito, e não apenas como um “vir a ser”. Por isso, reafirmamos a necessidade de ouvir, observar e dialogar com as crianças, abrindo caminhos para novas formas de aprender e ensinar, formas mais sensíveis, afetivas, éticas e justas, capazes de acolher a diversidade da infância contemporânea.

Metodologia da Pesquisa Científica

A metodologia de uma pesquisa é o alicerce que sustenta seus objetivos e dá sentido ao percurso investigativo. Como destaca Creswell (2014), a escolha metodológica orienta o pesquisador desde a formulação das perguntas iniciais até a análise e interpretação dos dados, assegurando que as contribuições contidas em evidências sólidas. Segundo o autor, a definição não apenas como os dados serão gerados, mas também como serão compreendidos, analisados e validados, compondo o fio condutor que organiza todo o processo de investigação.

Neste estudo, optamos por uma abordagem qualitativa e quantitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de mapear e analisar os trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho 07 (GT07) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2015 a 2024. O foco principal recorda as pesquisas que, nesse recorte temporal, se dedicaram a escutar e acolher as vozes, gestos e modos de existência das crianças no contexto da Educação Infantil.

A escolha por uma pesquisa exploratória, como define Zikmund (2000), responde à necessidade de compreender informações ainda pouco discutidas ou sistematicamente

investigadas. Esse tipo de investigação é especialmente importante para diagnosticar situações, revelar soluções alternativas e abrir caminhos para novas ideias. Assim, este estudo se inscreve como parte dos movimentos iniciais de um processo investigativo mais amplo, voltado a refinar e aprofundar a compreensão sobre o lugar das crianças nas pesquisas acadêmicas recentes.

No que tange à abordagem qualitativa, buscamos trazer um olhar reflexivo e analítico sobre as produções científicas contemporâneas que envolvem crianças como participantes centrais da pesquisa. Para a análise dos dados, utilizamos a análise categorizada proposta por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021, p.23), que permite, conforme ressaltam as autoras, “analisar e estabelecer o estado atual da pesquisa”.

Esta análise está ancorada à metodologia do Estado do Conhecimento (EC), exclusivamente específica no campo da Educação, cuja finalidade vai além da revisão tradicional, buscando mapear, organizar, categorizar e refletir criticamente sobre a produção acadêmica de determinada área. Como destaca Morosini (2023), o EC permite evidenciar não apenas tendências e lacunas, mas também os diálogos e as sombras que atravessam o campo de estudo, ampliando a compreensão sobre o objeto investigado.

A seleção dos trabalhos obedeceu a critérios específicos, iniciando pela etapa da Bibliografia Anotada, em que reunimos trabalhos, cujos resumos indicavam nitidamente pesquisas com crianças, sobretudo de natureza etnográfica, no campo da Educação Infantil, apresentadas entre 2015 e 2024. Para garantir a contemporaneidade do *corpus*, consideramos apenas as pesquisas realizadas a partir de 2014. Além disso, os trabalhos selecionados continham, em suas palavras-chave, ao menos uma das seguintes expressões: Educação Infantil, Sociologia da Infância, Pedagogia da Infância, Pesquisa(s) com Criança(s), Participação Infantil, Infância ou Criança.

A segunda etapa, denominada Bibliografia Sistematizada, consistiu na seleção de trabalhos que, além de atender aos critérios acima, apresentou detalhamento claro da metodologia adotada, incluindo as ferramentas de geração de dados e os processos de análise e interpretação. Com isso, garantimos a qualidade científica e a relevância acadêmica do corpus analisado, garantindo que as investigações incluídas dialoguem de forma consistente com os objetivos propostos neste estudo.

Dedicamos atenção especial aos estudos com bebês, realizando uma análise cuidadosa sobre como essas pesquisas foram realizadas e como os dados foram tratados, com foco especial na ética e na representação fiel das experiências infantis. Como enfatizam Manning e Walsh (2003), pesquisando com crianças, especialmente com bebês, exige um compromisso ético que reconheça sua agência (Corsaro, 2011), mesmo quando suas linguagens não são verbais. Assim, observar, acolher e respeitar os modos singulares de expressão dos bebês, como olhares, gestos, toques, expressões faciais, sons (balbucios, choros, risos), é essencial para garantir uma escuta verdadeira e respeitosa.

Dar “voz” aos bebês, nesse contexto, implica praticar uma observação participante sensível, registrar com rigor e atenção às interações que eles estabelecem com o ambiente, com os objetos e com as outras pessoas, interpretar essas expressões com o cuidado e a ética que reconhecem o bebê como sujeito pleno (Manning; Walsh, 2003). Mais do que um compromisso metodológico, trata-se de uma postura ética, que reafirma o direito das crianças de serem ouvidas e respeitadas em suas formas singulares de existir e se comunicar.

A terceira etapa, denominada Bibliografia Categorizada, consiste na organização e análise dos trabalhos selecionados em Blocos Temáticos, com base nos critérios definidos por Morosini (2021). Essa categorização possibilitou identificar padrões, recorrências, lacunas e tendências emergentes nas pesquisas com crianças, contribuindo para dialogar diretamente com os objetivos e referenciais teóricos do estudo.

Por fim, a quarta etapa, denominada Bibliografia Propositiva, envolve uma análise crítica dos Blocos Temáticos, a partir do que foi possível identificar convergências, divergências e contribuições teórico-metodológicas relevantes para o campo da Educação Infantil. Nessa etapa, além de sistematizar os principais achados, buscamos reflexões sobre seus desdobramentos para futuras pesquisas, apontando caminhos para práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas, a partir de uma escuta atenta e ética às crianças.

A escolha pela ANPED como base para a seleção dos trabalhos se justifica por sua ampla relevância acadêmica e constante atualização, garantindo o acesso a produções recentes e

fundamentais para o cenário educacional brasileiro. O recorte temporal (2015 a 2024) foi fundamentado em investigações anteriores, como as de Delgado e Müller (2005), que já apontavam a necessidade de fortalecer e ampliar as pesquisas sobre culturas infantis no Brasil. Dessa forma, compreendemos que esse intervalo temporal capta um momento crucial de expansão e aprofundamento das pesquisas com crianças no país.

A construção teórica deste estudo se apoia em reflexões sobre a historicidade da infância e da criança, em diálogo com autores da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, comprometidos com a defesa das crianças como sujeitos de direitos, capazes de participar ativamente na construção de seus próprios processos educativos (Sarmiento, 2005; Corsaro, 2011; Barbosa, 2001). A partir desse olhar, reafirmamos o valor das pesquisas que escutam e acolhem as crianças como interlocutoras centrais, elemento fundamental para pensar práticas pedagógicas mais sensíveis, justas e significativas no contexto da Educação Infantil.

Assim, a análise dos dados gerados pelos trabalhos selecionados no GT07 da ANPEd permitiu aprofundar a compreensão sobre as múltiplas infâncias e os modos como as crianças habitam, interpretam e recriam o mundo que as cerca. Essa escuta, atenta e comprometida, tanto metodológica quanto ética, constitui um passo essencial para compensar as práticas pedagógicas e as políticas públicas voltadas à infância, a partir das vozes, gestos e presenças reais das crianças.

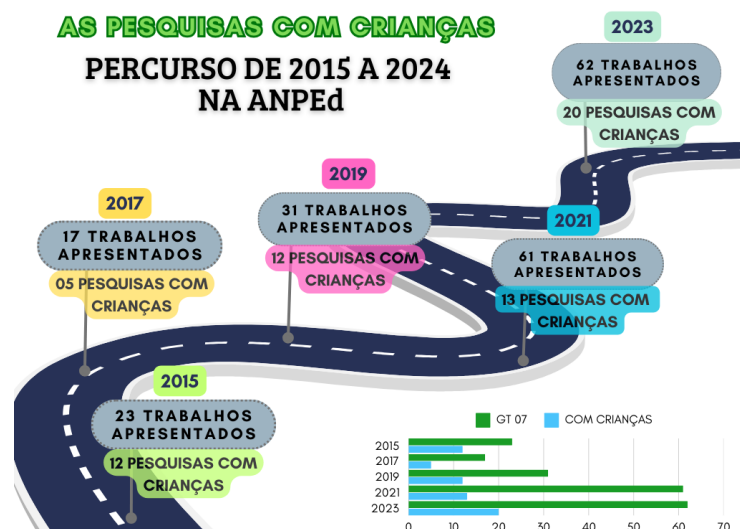
Mapeamento dos trabalhos do GT 07 da ANPEd: Pesquisas com Crianças

Iniciamos refletindo sobre o que constitui um trabalho acadêmico-científico e a importância de mantermos sua coerência com os propósitos a que se propõe. Mais do que atender a exigências teórico-metodológicas, uma pesquisa precisa comunicar-se de forma nítida, ética e significativa, permitindo que outros pesquisadores possam se apoiar nela e que seus resultados tenham impacto social relevante. Nesse sentido, a responsabilidade ética do pesquisador não se limita ao rigor acadêmico, mas estende-se ao compromisso com a comunidade científica e com a sociedade, garantindo que sua pesquisa responda a questões reais e relevantes.

Partindo dessas premissas, ao buscarmos trabalhos que se propõem a pesquisar com crianças, o primeiro contato se deu pelo título, que deveria indicar, de maneira objetiva, o foco e a abordagem do estudo. No entanto, ao analisarmos os trabalhos do GT 07 da ANPEd, percebemos um desafio significativo, pois, embora muitos títulos sugerissem pesquisas com crianças, no corpo do texto não foi descrita quais metodologias foram empregadas para garantir a participação das crianças como sujeitos da pesquisa. Essa ausência de informações nos levou a questionar como as crianças, de fato, foram incluídas nos processos investigativos: suas vozes foram ouvidas? Seus gestos, expressões e jeitos de ser foram registrados?

Diante dessas inquietações, com o objetivo de garantir a fidedignidade na construção do corpus, adotamos, na primeira etapa do Estado do Conhecimento, denominada Bibliografia Anotada, uma leitura ampliada, que inclui não apenas o resumo, mas também os objetivos e a metodologia dos trabalhos. Esse procedimento, embora mais demorado, revelou-se essencial para superar as contradições entre os títulos e a metodologia das pesquisas, onde foram analisados 192 trabalhos, a partir dos critérios definidos na metodologia de investigação. Desses, 62 trabalhos constituíram o corpus inicial, pois apresentaram indícios de escuta das crianças, conforme demonstra a figura a seguir:

Figura 1. Ilustração quanto ao quantitativo dos trabalhos analisados na primeira etapa do EC



Fonte: criado pelos autores.

Por conta da recorrência da não descrição nítida da metodologia nas pesquisas, bem como os dados foram gerados, foi necessário um esforço contínuo para diferenciar estudos “com” crianças daqueles “sobre” ou “para” crianças, que foram descartados do *corpus*, em que, na segunda etapa, denominada Bibliografia Sistematizada, realizamos uma leitura profunda das metodologias e ferramentas utilizadas pelos pesquisadores, focando em verificar se as crianças, de fato, foram consideradas participantes ativas.

Identificamos mais lacunas metodológicas semelhantes às destacadas por Marli André (1983, 2010), especialmente no que diz respeito à ausência de fundamentação teórica que sustente a análise dos dados. Um exemplo de lacuna encontrada, foi na metodologia de observação participante, que era descrita como metodologia da pesquisa, mas sem registros das falas ou interações das crianças. As análises, portanto, eram feitas exclusivamente sob a ótica do pesquisador, ignorando o direito das crianças à participação genuína.

Esse quadro, reforça um modelo de pesquisa “sobre” crianças, em vez de “com” elas, o que compromete a legitimidade dos achados e levanta sérias questões éticas e metodológicas.

Por essas razões, dos 62 trabalhos, inicialmente selecionados, apenas 22 atenderam aos critérios rigorosos de inclusão, definidos para esta pesquisa, como mostra a figura abaixo:

Figura 2. Ilustração quanto ao quantitativo dos trabalhos analisados na segunda etapa do EC.



Fonte: criado pelos autores.

Conforme ressaltam Morosini (2006) e André (2010), esse processo de seleção cuidadosa é crucial para garantir a validade das análises em pesquisas qualitativas, evitando a inclusão de estudos que não dialogam com os objetivos propostos. Assim, foram excluídos trabalhos que, embora abordassem práticas pedagógicas ou questões relativas à infância, não apresentavam escuta direta ou registros sensíveis das crianças e bebês, especialmente nas pesquisas com bebês, onde a atenção aos gestos e expressões é critério fundamental.

Finalizada essa etapa, os 22 trabalhos selecionados foram organizados em uma tabela que reúne dados sobre autores, títulos, temáticas, metodologias e principais autores. A tabela compreende o período de 2015 a 2023¹, contemplando pesquisas que assumem o compromisso ético e metodológico de escutar e dialogar com as crianças.

Tabela 1. Bibliografia Anotada

Ano	Autores	Título	Temática	Metodologia	Principais Autores
2015	Eduarda Souza Gaudio	Dimensão étnico-racial na educação infantil: um olhar sobre a perspectiva das crianças	Relações étnico-raciais na Educação Infantil	Etnografia; Observação participante; Recursos fotográficos e audiovisuais; diário de campo	Munanga (2005); Sarmento (2004); Lopes (2007)
2015	Lenilda Cordeiro de Macêdo, Adelaide Alves Dias	Tia, posso pegar um brinquedo? A ação das crianças no contexto da pedagogia do controle	Participação infantil e pedagogia do controle	Etnografia; Observação sistemática; diário de campo; Gravações em vídeo	Sarmento (2004); Corsaro (2011); Fernandes (2015)
2015	Juliana Costa Muller	Jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias móveis na educação infantil: o que as crianças têm a nos dizer?	Tecnologias móveis e jogos na educação infantil	Pesquisa qualitativa; Observação; Diário de campo; Entrevistas semi-dirigidas; Intervenções didáticas	Sarmento (2004); Corsaro (2011); Fernandes (2015)
2015	Leandro Henrique de Jesus Tavares	Meu irmão tem 3 anos e não estuda porque ele é criancinha - o que dizem as crianças sobre a educação infantil e o direito?	Direito à educação infantil sob a ótica das crianças	Etnografia; Oficinas filmadas; Literatura infantil; Conversas em grupo e individuais	Sarmento (2005); Hart (1992); Fernandes (2015)
2015	Andréa Simões Rivero, Eloísa Acires Candal Rocha	O brincar e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil	Brincadeira e construção social das crianças	Etnografia; Observação participante; diário de campo; Fotografias; Vídeos	Corsaro (2011); Sarmento (2005); Huizinga (2004)
2015	Francine Costa de Bom	O jogo protagonizado infantil como um ato artístico em sala de aula: uma abordagem vigotskiana	Jogo protagonizado como expressão artística	Observação participante; diário de campo; Análise qualitativa	Vigotski (1991); Sarmento (2004); Brougère (2003)

¹ As análises abarcaram até o ano de 2023, porque a reunião nacional da ANPED de 2025, ainda, não ocorreu.

2015	Bárbara de Oliveira Gonçalves, Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino	Vivemos para lutar, lutamos para viver... A participação das crianças Sem Terrinha na vida política da sociedade	Participação política infantil (Movimento Sem Terra - Sem Terrinha)	Etnografia; Observação participante; Análise documental	Corsaro (2011); Sarmento (2004); Gohn (2010)
2015	Rayffi Gumerindo Pereira de Souza	Mamãe, eu tenho um novo amigo na escola. Ele é grande, mas quer aprender com a gente...	Pesquisa com crianças sobre as relações escolares	Pesquisa com crianças; Entrevistas; Observação; Vídeo-gravação; Fotografias; Rodas de conversas	Martins Filho (2011); Sarmento (2005); Corsaro (2011)
2015	Simone do Nascimento Nogueira	Escuta pedagógica: um caminho possível para ressignificar o currículo da educação infantil	Escuta pedagógica e currículo da educação infantil	Pesquisa-formação; Pesquisa-ação; Encontros formativos; Análise qualitativa	Sarmento (2004); Rinaldi (2009); Fernandes (2015)
2015	Pedro Neto Oliveira de Aquino, Silvia Helena Vieira Cruz	A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas	Identidade étnico-racial	Observação participante; Entrevistas coletivas; Análise de fotografias; Histórias para completar	Munanga (2005); Cavalleiro (2000); Sarmento (2004)
2017	Maфра-Rebello & Buss-Simão	Formas Regulatórias na Educação Infantil: Retratos a partir da Perspectiva das Crianças	Regras e normas escolares sob a perspectiva das crianças	Etnografia; Registros escritos, filmicos e fotográficos	Sarmento (2005); Corsaro (2011); Fernandes (2015)
2017	Silva	Que Cor é a Minha Cor? A Autoidentificação Racial das Crianças na Educação Infantil	Identidade étnico-racial	Etnografia; Atividade de autorretrato; Narração infantil	Munanga (2005); Cavalleiro (2000); Sarmento (2004)
2019	Bruno Rogério Duarte da Silva	TIA, QUERO SER NEGRO: Diferenças étnico-raciais na creche	Identidade étnico-racial	Etnografia; Observação participante; Registros escritos e fotográficos	Munanga (2005); Sarmento (2004); Gatti (2017)
2019	Autoras não especificadas	Docência com bebês em ocasiões de cuidados pessoais: interações e banho em foco	Práticas de cuidado e interação com bebês na creche	Etnografia com bebês; Observação participante; diário de campo; Registro de interações	Barbosa (2014); Martins Filho (2011); Campos (2010)
2019	Bárbara de Oliveira Gonçalves, Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino	Vivemos para lutar, lutamos para viver... A participação das crianças Sem Terrinha na vida política	Participação política infantil	Etnografia; Observação participante; Análise documental	Corsaro (2011); Sarmento (2004); Gohn (2010)

2019	Rayffi Gumerindo Pereira de Souza	... Mamãe, eu tenho um novo amigo na escola. Ele é grande, mas quer aprender com a gente...	Pesquisa com crianças sobre as relações escolares	Pesquisa com crianças; Entrevistas; Observação; Vídeo-gravação; Fotografias; Rodas de conversas	Martins Filho (2011); Sarmento (2005); Corsaro (2011)
2019	Rachel Martins Arenari Razuk	Deixa eu abrir a janela – Encontros e desencontros com a linguagem na creche	Linguagem e interação com bebês em creche	Etnografia; Observação participante; diário de campo; Registros de interações com bebês	Manning e Walsh (2003); Martins Filho (2011); Barbosa (2014)
2021	Neves, Silva & Macário	A Tomada de Consciência na Pesquisa Etnográfica com Bebês	Interações de bebês em contexto coletivo	Etnografia com bebês; Observação participante; Filmagem; Fotografias; Anotações de campo	Martins Filho (2011); Barbosa (2014); Manning e Walsh (2003)
2021	Rodrigues	A Creche como um Lugar para e dos Bebês: Uma Reflexão sobre Suas Ações e a(s) Materialidade(s)	Materialidade e espaços de bebês	Etnografia; Registros fotográficos; diário de campo	Sarmento (2005); Barbosa (2014); Manning e Walsh (2003)
2023	Autoras não especificadas	Vivências de uma criança trans em contexto de Educação Infantil: Direito ao reconhecimento da identidade e do corpo	Identidade de gênero na infância	Etnografia; Narrativas; Desenhos; Bonecos; Observação participante	Sarmento (2004); Corsaro (2011); Fernandes (2015)
2023	Autoras não especificadas	O descomeço do verbo: a relação dos bebês com os livros na Educação Infantil	Leitura e interação com bebês	Etnografia com bebês; Observação participante; Registros audiovisuais; diário de campo	Martins Filho (2011); Barbosa (2014); Manning e Walsh (2003)
2023	Karin Cristina Santos de Albuquerque, Daniela Guimarães	Cartografia Corporal com Bebês: A Potência nos Encontros entre Corposnatureza	Experiência dos bebês com a natureza	Cartografia; Observação participante com bebês; diário de campo; Fotografias	Martins Filho (2011); Barbosa (2014); Manning e Walsh (2003)

Fonte: dos autores

Na terceira etapa, denominada Bibliografia Categorizada, definimos cinco blocos temáticos, agrupando os trabalhos de acordo com a afinidade de temas, objetivos e referenciais teóricos. Essa categorização facilitou a leitura crítica inicial e permitiu identificar padrões, divergências e contribuições relevantes para o campo da Educação Infantil. Os blocos temáticos definidos foram: Infância e Identidade (Étnico-Racial, Gênero e Pertencimento); Participação Infantil e Protagonismo; Interação, Linguagem e Aprendizagem na Educação Infantil; Pesquisas com Bebês: Sensibilidades e Espaços de Experiência.

A partir dessa organização, foi possível mapear as principais temáticas emergentes e reconhecer o esforço de muitos pesquisadores em garantir um olhar respeitoso e sensível às infâncias, especialmente ao valorizar a voz, o gesto, os jeitos e o olhar das crianças como informantes e fontes legítimas de saber e reflexão.

Análise dos Blocos Temáticos

A partir dos 22 trabalhos que compõem o *corpus* desta pesquisa, foi realizada uma leitura atenta e crítica para compreender como as crianças, suas infâncias e modos de existir têm sido representados e ouvidos nas produções acadêmicas. Para isso, agrupamos os estudos em blocos temáticos, não apenas para abordar conteúdos semelhantes, mas para analisar os sentidos que emergem desses trabalhos e o lugar que as crianças ocupam como sujeitos participantes dessas pesquisas.

A organização dos blocos está diretamente vinculada aos objetivos desta investigação: identificar as temáticas mais recorrentes, as formas como as crianças são inseridas nas pesquisas, as metodologias utilizadas para escutá-las e as dimensões pedagógicas que se desenvolvem nessas práticas. Além disso, a base teórica que sustentam os trabalhos permitiu uma leitura mais conectada e sensível, revelando avanços, esforços, desafios e contribuições que vêm sendo tecidas na relação entre pesquisa, infância e Educação Infantil, em consonância com os pressupostos da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2005; Corsaro, 2011).

Infância e Identidade (Étnico-Racial, Gênero e Pertencimento)

Nesse bloco, cinco, dos 22 trabalhos reunidos, evidenciam a visibilização das questões identitárias na infância, especialmente relacionadas à etnia e ao gênero. Esses estudos abordam a construção da identidade étnico-racial e de gênero na Educação Infantil a partir de uma perspectiva ética, crítica e politizada, ampliando o debate sobre diversidade e infância (Hall, 2003; Silva, 2014; Munanga, 2005).

As pesquisas registram as crianças como sujeitos que expressam e refletem sobre seus modos de ser e existir, por meio de metodologias que capturam suas vozes, seus gestos, jeitos e produções (como autorretratos, entrevistas infantis, oficinas e observações), em diálogo com a noção de agência infantil (Corsaro, 2011; Martins Filho, 2011).

Destaca-se, também, a inclusão de crianças trans na discussão, ampliando o conceito de diversidade e apontando caminhos para uma pedagogia antirracista e inclusiva (Bento, 2002; Ramos, 2019). Entretanto, desafios importantes foram identificados, como a dificuldade de garantir o espaço efetivo à voz das crianças, especialmente em contextos institucionais, que resistem a discutir temas como diversidade étnico-racial e de gênero. Contatamos, nas descrições destas pesquisas, limitações no uso de metodologias participativas e, em alguns casos, falta de profundidade na escuta das experiências infantis sobre identidade.

As tensões que aparecem nas pesquisas com crianças, nos mostram uma contradição entre o discurso de “dar voz” às crianças e a escuta real. Há, ainda, o debate entre a política institucional da diversidade e as práticas que, muitas vezes, silenciam as crianças. Entre as contribuições mais significativas, destaca-se o reconhecimento da criança como sujeito social e cultural, ativo na construção de sua identidade, reafirmando os princípios da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2005). Esses estudos também impulsionaram práticas pedagógicas mais inclusivas, sensíveis e antidiscriminatórias, reforçando o papel da infância como produtora de sentidos sobre o mundo (Hall, 2003).

Participação Infantil e Protagonismo

Sobre a participação ativa das crianças na vida social, política e educativa, quatro trabalhos abordam esta temática, enfatizando metodologias participativas que criam espaços reais de expressão (como rodas de conversa, entrevistas e registros de interações), conforme a defesa do direito à escuta (Rinaldi, 2009). Algumas pesquisas transcendem o espaço escolar, refletindo sobre a participação infantil em movimentos sociais ou que dialoga com a perspectiva de crianças como sujeitos políticos (Kramer, 2011; Kirschner, 2016). Outros defendem a escuta pedagógica como direito das crianças e eixo de revisão curricular (Sarmiento, 2011; Martins Filho, 2011).

Entre os desafios, destacam-se os limites institucionais que dificultam a participação efetiva das crianças nas decisões, e as dificuldades em registrar e interpretar de maneira sensível suas expressões, especialmente quando essas crianças ainda não dominam a linguagem verbal. Também foi observado o risco de adultocentrismo: mesmo com a intenção de escutá-las, algumas análises ainda partem de um olhar adulto, sem considerar o ponto de vista infantil (Corsaro, 2011; Martins Filho, 2011).

As tensões aparecem na distância entre o direito assegurado à participação e a prática cotidiana, que nem sempre abre espaço para o protagonismo infantil. Embora reconheçam as crianças como sujeitos de direitos, muitas instituições ainda limitam sua participação a momentos direcionados, sem real autonomia. Apesar dos desafios, as pesquisas revelam avanços importantes, especialmente na construção de uma pedagogia participativa que permite às crianças como cidadãs desde a infância, em diálogo com os princípios da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2005). Além de contribuir para debates sobre currículo e políticas públicas, esses estudos reforçam o compromisso ético com a escuta e a participação infantil (González Rey, 2005).

Interação, Linguagem e Aprendizagem na Educação Infantil

Quatro trabalhos integram este bloco, que destacam as interações, as linguagens e as brincadeiras como eixos centrais do processo educativo. Os estudos abordam o jogo protagonizado e a brincadeira como espaços de aprendizagem e expressão, e permitem a importância das interações das crianças com objetos, espaços, adultos e pares, incluindo pesquisas com bebês (Kishimoto, 2011; Campos De Almeida, 2007).

Entre os desafios, ressalta-se a complexidade de captar as interações infantis em sua profundidade, sem reduzi-las a comportamentos observáveis. Garantir escuta atenta aos gestos, olhares e movimentos dos bebês também se mostrou um ponto crucial (Benjamin, 2011). Outro desafio recorrente foi o limite de algumas instituições levando em consideração o valor pedagógico da brincadeira e da interação espontânea (Oliveira, 2002; Vygotsky, 2001). As perguntas emergem da distância entre o discurso que valoriza o brincar e as práticas pedagógicas ainda muito controladas, e do equilíbrio entre o papel do adulto como mediador e o respeito à autonomia da criança (Bondioli; Mantovani, 1998).

Esses estudos são orientados para fortalecer a visão da criança como protagonista de sua aprendizagem, reafirmando o brincar, interagir e comunicar como práticas fundamentais da Educação Infantil, e ampliando as metodologias que escutam a linguagem das crianças além da fala (Bronfenbrenner, 2011).

Pesquisas com Bebês: Sensibilidades e Espaços de Experiência

Neste bloco, três trabalhos destacam o reconhecimento dos bebês como sujeitos de direitos e cultura, com formas próprias de expressão. As pesquisas empregam metodologias sensíveis (cartografia, observação participante) que respeitam os tempos, olhares e gestos dos bebês, além de refletirem sobre os espaços e materialidades que dialogam com suas experiências (Kohan, 2010; Oliveira, 2019).

Entre os desafios, destaca-se a necessidade de escuta não invasiva e atenção às expressões singulares dos bebês, além da dificuldade em registrar essas experiências sem reduzir os dados técnicos. Parece ainda a carência de formação específica de profissionais capazes de atuar com essa perspectiva ética e sensível.

As perguntas surgem entre o discurso de valorização dos bebês e práticas que ainda invisibilizam suas formas de expressão, e na falta de espaços adequados para suas vivências (Louro, 2016; Rauter, 2017). Apesar desses limites, as pesquisas reafirmam os bebês como sujeitos plenos, ampliam as metodologias de pesquisa com bebês e fortalecem práticas pedagógicas que acolhem suas experiências (Trevvarthen, 2001; Benjamin, 2011).

Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: uma lacuna urgente a ser enfrentada

Ao longo da análise dos 22 trabalhos que compõem o corpus desta pesquisa, foi possível identificar uma lacuna importante: a ausência ou a deficiência de estudos que abordem as crianças na Educação Infantil sob a ótica da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Embora haja avanços significativos no reconhecimento das crianças como sujeitos sociais, culturais e de direitos (Sarmento, 2005; Corsaro, 2011; Martins Filho, 2011), as infâncias marcadas pela deficiência, pelos transtornos do neurodesenvolvimento ou por outras especificidades, que exigem práticas inclusivas, ainda permanecem invisibilizadas.

Essa lacuna contraria diretamente os princípios estabelecidos pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a qual assegura o direito inalienável das crianças público-alvo da Educação Especial à participação plena e à convivência nos espaços comuns da Educação Infantil, com base em práticas pedagógicas que reconheçam suas especificidades e singularidades. Como destaca Mantoan (2006), a inclusão não pode se restringir apenas ao acesso físico à escola, mas precisa garantir a escuta, a participação ativa e a valorização das diferenças como dimensões constitutivas do processo educativo.

Além disso, conforme defendem Mello e Kassir (2016), as crianças com deficiência, transtornos do espectro autista, altas habilidades/superdotação, entre outras condições, têm o direito de serem escutadas e reconhecidas como protagonistas de suas próprias vivências, o que implica desenvolver metodologias de pesquisa que respeitem suas formas singulares de expressão e comunicação. No entanto, como alertam Oliveira et al. (2020), a escuta dessas crianças ainda enfrenta barreiras metodológicas, culturais e institucionais, uma vez que tanto a escola quanto a pesquisa acadêmica permanecem fortemente atravessadas por práticas adultocêntricas e normativas, que dificultam a atenção das crianças público-alvo da Educação Especial como sujeitos plenos de direitos.

Dessa forma, a ausência de pesquisas que articulem a infância, Educação Infantil e Educação Especial na perspectiva inclusiva revela um desafio ético e político: garantir o direito de todas as crianças, em suas múltiplas formas de ser e existir, de participarem na construção do conhecimento, das práticas pedagógicas e das políticas públicas (Silva; Duarte, 2018).

Assim, há um apelo urgente para que o campo da pesquisa com crianças, especialmente na Educação Infantil, se abra à escuta verdadeira, ética e sensível das crianças público-alvo da Educação Especial, reconhecendo não apenas seus direitos, mas também sua potencialidade em produzir sentidos, culturas e conhecimentos. Esse movimento exige um olhar atento da sociedade num todo, para as formas singulares de expressão das crianças, superando as barreiras e lacunas impostas por práticas pedagógicas e científicas que ainda negligenciam a diversidade e a complexidade da infância (Martins Filho, 2011) contemporânea.

Considerações finais

Ao final desta investigação, é possível afirmar que as análises realizadas reafirmam o papel das crianças como sujeitos que, desde muito cedo, constroem significados sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o ambiente em que vivem, como já enfatizam Sarmento (2005); Corsaro (2011) e Martins Filho (2011). A partir da sistematização e análise dos 22 trabalhos selecionados, foi possível identificar movimentos importantes no campo das pesquisas com crianças, especialmente no esforço de construir espaços que reconheçam e acolham suas vozes, jeitos, gestos e olhares. Contudo, embora essas produções revelem avanços significativos, também deixam nítidos os desafios e tensões que ainda persistem.

Se, por um lado, algumas pesquisas conseguem colocar as crianças como protagonistas, valendo-se de metodologias sensíveis à escuta, por outro, ainda encontramos estudos que mantêm uma relação distante, em que a criança aparece mais como objeto de observação do que como sujeito participante do processo investigativo. Essa tensão, já apontada por Martins Filho (2011), permanece como um desafio central, sobretudo quando se trata de escutar as crianças

em suas múltiplas formas de expressão e garantir a legitimidade de suas vozes na produção de conhecimento.

Além disso, a análise evidenciou um avanço importante, embora desigual, na escolha das metodologias utilizadas. Pesquisas com bebês, por exemplo, vêm ampliando o uso de ferramentas como cartografia, observação participante e registros sensíveis (Manning & Walsh, 2003; Barbosa, 2014; Martins FILHO, 2020), sinalizando um movimento sensível de escuta que vai além da palavra. Contudo, esse cuidado, ainda, precisa se fortalecer, especialmente em temáticas mais delicadas, como identidade étnico-racial e de gênero.

A organização dos trabalhos em blocos temáticos, também, nos permitiu perceber que temas como identidade, pertencimento, participação infantil e cotidiano ganham espaço nas pesquisas, refletindo a preocupação em visibilizar as infâncias em sua pluralidade. Por outro lado, ficou evidente o quanto as práticas institucionais, muitas vezes, limitam a escuta e o protagonismo das crianças, seja pela rigidez dos espaços, das rotinas, seja pela resistência em abordar temas que desafiam o olhar adulto.

Assim, esta pesquisa confirma que, apesar dos avanços na compreensão das crianças como sujeitos de direitos e cultura (Sarmento, 2005; Corsaro, 2011), ainda há um longo caminho a percorrer para que as pesquisas com crianças aconteçam verdadeiramente “com” elas e não apenas “sobre” ou “para” elas. Isso exige um compromisso ético, político e metodológico que reconheça as crianças em suas formas plurais de ser, sentir, falar e estar no mundo. Como destaca Martins Filho (2011), pesquisar com crianças demanda mais do que incluir suas falas; implica estar atento aos contextos, aos gestos, aos silêncios e aos modos singulares de presença das crianças na vida cotidiana.

Por isso, reafirmamos a necessidade de investir em práticas investigativas que respeitem e acolham a diversidade das infâncias, comprometidas com a construção de saberes ancorados na experiência vivida, mesmo que isso implique tensionar as fronteiras do que tradicionalmente se considera pesquisa acadêmica.

As pesquisas aqui analisadas apontam caminhos potentes, sobretudo no esforço de criar espaços reais de escuta e participação infantil. No entanto, também, nos convocam a seguir refletindo criticamente sobre o fazer investigativo, para garantir que a infância seja reconhecida, efetivamente, como um tempo de direitos, cultura, potência e presença.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, Z. M. R. de. **Pesquisa com crianças**: a complexidade da infância. São Paulo: Cortez, 2010.

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**, v. 1, n. 1, p. 39–52, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5902/198464441602>

BARBOSA, M. C. S. **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2014.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas**: as infâncias. São Paulo: Planeta, 2008.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BROSTOLIN, M. R. Cidadania infantil: questões contemporâneas e implicações para a participação da criança. **Eccos – Revista Científica**, n. 56, p. 1-14, 31 mar. 2021.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.

FERNANDES, N. **Pesquisa com crianças**: da invisibilidade à participação com implicações na formação de professores. Curitiba: Champagnat, 2015.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HART, R. **Children's participation**: from tokenism to citizenship. Florence: UNICEF International Child Development Centre, 1992.

JAMES, A.; JENKS, C.; PROUT, A. **Teorizando a infância**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em tempos de mudanças. São Paulo: Ática, 2011.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOPES, J.; SILVA, R.; PEREIRA, L. **Participação infantil e democracia**: desafios e possibilidades. São Paulo: Cortez, 2016.

MANNING, J.; WALSH, P. Researching with children: ethics, participation and methodological issues. **Childhood**, v. 10, n. 2, p. 205-224, 2003.

MARCHI, R. Cultura, infância e mídia: olhares da antropologia e da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 677-698, 2009.

MARTINS FILHO, A. J. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 81-106.

MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2020.

MARTINS FILHO, Altino José (org.). **Educar na creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 142.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**: além da A4. Tubarão, SC: COPIART, 2ª Edição, 2020.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança Pedre Respeito**: docência na educação infantil além da A4. Tubarão: COPIART, 5ª Edição. 2024, 210p.

MARTINS FILHO, Altino José Martins. DELGADO, Ana Cristina Coll (org.). Dossiê "Bebês e Crianças Bem Pequenas em Contextos Coletivos de Educação". **Pro-posições**, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MONTANDON, C. A criança e a socialização: abordagens teóricas e desafios metodológicos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 111, p. 7-23, 2001.

MOROSINI, M.; KOHLS-SANTOS, P.; BITTENCOURT, Z. **Estado do conhecimento**: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2021.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o aprender a aprender. In: OLIVEIRA, M. K. (org.). **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 7. ed. São Paulo: Scipione, 2002. p. 33-64.

RAMOS, J. A. Educação Infantil e as crianças trans: um estudo das infâncias e das identidades de gênero. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240037, 2019.

RINALDI, C. In defense of a pedagogy of listening: a dialogue. In: MOSS, P. (ed.). **Beyond listening**: children's perspectives on early childhood services. Bristol: Policy Press, 2009. p. 233-246.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação - Núcleo de Publicações, 1999.

SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 17-40, jul. 2005.

SARMENTO, M. J. **A construção social da infância**: novas perspectivas. 3. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, 2001.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOMÁS, C.; FERNANDES, N. Políticas Públicas e Participação Infantil. **Educação, Sociedade & Cultura**, Braga, n. 25, p. 186-206, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. v. 3. Madrid: MEC y Visor Distribuciones, 1995.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 6. ed. Orlando: Dryden Press, 2000.

Recebido em 10 de abril de 2025
Aceito em 13 de maio de 2025